

O ESPAÇO FAMILIAR NA PANDEMIA DA COVID-19: RETRATOS A PARTIR DO ESPAÇOGRAMA

THE FAMILY SPACE IN THE COVID-19 PANDEMIC: PORTRAITS BASED ON THE
SPACEGRAM

EL ESPACIO FAMILIAR EN LA PANDEMIA DE COVID-19: RETRATOS DESDE EL
ESPACIOGRAMA

Caio Henrique Almagro Carvalho

● Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina, Discente de Doutorado em Psicologia e Sociedade pela UNESP Campus Assis. Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina.

● E-mail: caio.almagroc@gmail.com

Maíra Bonafé Sei

● Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Professora Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

● Email: mairabonafe@gmail.com

Rebeca Nonato Machado

● Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Psicologia Clínica PUC-Rio. Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, atuando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica.

● Email: recanm@gmail.com

RESUMO

A pandemia de COVID-19 ocasionou o isolamento social e possíveis impactos nas famílias que precisaram se reorganizar com todos dentro de casa, implicando em novas demandas. A partir disso, objetivou-se, por meio de uma pesquisa qualitativa, investigar a aplicabilidade do espaçograma em períodos críticos entendendo-o como um instrumento para verificar a organização familiar na casa. Para tanto, foram entrevistados três casais que possuíam no mínimo um filho entre sete e doze anos de idade, residentes no interior do Paraná e que pelo menos um dos cônjuges tivesse ficado em teletrabalho. Os casais realizaram um espaçograma para ilustrar a planta da casa e as alterações que ocorreram neste período. Os dados foram analisados de acordo com a interpretação psicanalítica dos desenhos para compreender os impactos do isolamento na família. Observou-se que o uso de espaçograma no período pandêmico trouxe novas possibilidades de interpretações e de aplicabilidade em momentos de sofrimento. Espera-se que as informações advindas desta pesquisa possam proporcionar uma maior compreensão da utilização do espaçograma em períodos de sofrimento da família, considerando-o como um instrumento que se adequa e possibilita análises diferentes para um período similar.

Palavras-chave: Organização familiar; Pandemia de COVID-19; Teletrabalho; Espaçograma.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic caused social isolation and possible impacts on families who needed to reorganize with everyone at home, resulting in new demands. From this, the objective was, through qualitative research, to investigate the applicability of the spacegram in critical periods, understanding it as an instrument to verify the family organization in the house. For this purpose, three couples were interviewed who had at least one child between seven and twelve years-old, living in the interior of Paraná and at least one of the partners working from home. The couples created a spacegram to illustrate the layout of the house and the changes that occurred during this period. The data were analyzed according to the psychoanalytic interpretation of the drawings to understand the impacts of isolation on the family. It was observed that the use of spacegrams during the pandemic period brought new possibilities for interpretation and applicability in moments of suffering. It is hoped that the information from this research will provide a greater understanding of the use of the spacegram in periods of family suffering, considering it as an instrument that is suitable and allows different analyzes for a similar period.

Keywords: Family organization; COVID-19 pandemic; Home office; Spacegram.

RESUMEN

La pandemia de COVID-19 provocó aislamiento social y posibles impactos en las familias que tuvieron que reorganizarse con todos en casa, derivando en nuevas demandas. A partir de ello, el objetivo fue, a través de una investigación cualitativa, investigar la aplicabilidad del espaciograma en períodos críticos, entendiéndolo como un instrumento para verificar la organización familiar en el hogar. Para tal efecto, se entrevistaron tres parejas que tuvieran al menos un hijo entre siete y doce años, residentes en el interior de Paraná, y donde al menos uno de los cónyuges hubiera trabajado remotamente. Las parejas crearon un espaciograma para ilustrar la disposición de la casa y los cambios que ocurrieron durante este período. Los datos fueron analizados según la interpretación psicoanalítica de los dibujos para comprender los impactos del aislamiento en la familia. Se observó que el uso de espaciogramas durante el período de pandemia trajo nuevas posibilidades de interpretación y aplicabilidad en tiempos de sufrimiento. Se espera que la información surgida de esta investigación pueda proporcionar una mayor comprensión del uso del espaciograma en períodos de sufrimiento familiar, considerándolo como un instrumento adecuado y que permite diferentes análisis para un período similar.

Palabras clave: Organización familiar; Pandemia de COVID-19; Teletrabajo; Espaciograma.

INTRODUÇÃO

O espaçograma é um recurso projetivo capaz de ilustrar e favorecer a análise acerca das projeções quanto ao funcionamento da família, sua organização e distribuição no espaço físico, entendendo-se que por meio dele é possível acessar conteúdos concernentes ao inconsciente do grupo familiar. Durante a pandemia, as famílias foram obrigadas a ficarem isoladas em suas casas, o que ocasionou uma reorganização do seu espaço físico e consequências em sua dinâmica. Sendo assim, a utilização do espaçograma pode se apresentar como algo relevante não apenas para observar as mudanças que ocorreram na casa, mas também para avaliar sua aplicabilidade para coleta de dados sobre o funcionamento das famílias em períodos que fogem da normalidade.

O grupo familiar, enquanto instituição provedora de cuidado e afeto, é arquitetado dentro de um espaço físico e espaços psíquicos. A casa representa os dois espaços descritos, oferecendo subsídios à função de ser família, contribuindo para criar e preservar o senso de habitar e de pertencer. Tais experiências desenvolvem no sujeito a capacidade de conviver em diferentes lugares, sobretudo, estabelecer uma constituição integrada de *ser* no mundo e habitá-lo. Complementando, a família cria e ocupa um espaço com características variáveis, delineadas a partir de aspectos psicológicos, sociais e econômicos. Portanto, a casa em si caracteriza-se por estas variáveis, podendo ser pequena, média ou grande, estável ou instável, personalizada ou ornamentadamente impessoal (Berenstein, 1998; Passos, 2019).

Nesta perspectiva de complexificar compreensões sobre o simbolismo da casa em relação à identidade da família, pensando-a como um espelho do aparelho psíquico familiar para além de um espaço geográfico, Eiguer (2014) também desenvolve postulações sobre a temática. O autor ressalta que a casa é muito mais do que um lugar de abrigo, proteção e repouso. Ela personifica a história familiar, as escolhas passadas, os vínculos geracionais e perspectivas para o futuro. Devemos pensá-la como um envelope “corporal” do dia a dia familiar, ou seja, assim como um corpo que envelhece, ganha contornos específicos dependendo do ciclo familiar e é fonte vital para a vida.

Face ao exposto, compreender o espaço e organização do lar da família mostra-se como algo relevante, sobretudo, na psicoterapia de família. Ter recursos para avaliação do espaço habitado é poder acessar de forma única cada família no espaço-tempo, já que a disposição das áreas e suas características é uma projeção da organização consciente e inconsciente do grupo. Todos esses espaços são constituídos por meio das relações entre indivíduos e são manifestações inconscientes do corpo do sujeito e suas relações com outro objeto (Berenstein, 1998).

Berenstein (1998) afirma que cada membro da família possui um lugar definido dentro da casa, seja um quarto, um lugar à mesa ou no sofá, até mesmo a definição de territórios de poder como a cozinha, domínio do banheiro em determinados momentos, dentre outros. Essas definições de habitação estão relacionadas à capacidade de tolerar a presença do corpo do outro, da alteridade, da separação-união, e por fim as disposições em manter distâncias variáveis para pertencimentos no espaço.

Resumindo as considerações descritas até aqui, aqueles que trabalham com famílias devem ter em mente que o desenho exterior e interior do lar está de acordo com conteúdos conscientes e inconscientes do aparelho psíquico familiar (Eiguer, 2014). Assim, o modo como é desenhado o espaço interno da casa representa os acordos visíveis e invisíveis, bem como modelos relacionais estabelecidos pelos familiares (Berenstein, 1998). Neste ambiente também são reconstruídos e vivenciados vínculos familiares, momentos de carinho e de existência na troca afetiva da rotina (Eiguer, 2014).

Nesta perspectiva, a casa possui um valor de integração psíquica, funcionando como um princípio de integração de sonhos, lembranças e pensamentos, como um abrigo para o mundo interno de seus moradores (Eliade, 1991). Dentro da casa, existem as expressões psíquicas dos membros da família, por meio dos móveis, objetos e decoração, sendo a representação do *self* grupal, a imagem do si familiar que emite uma mensagem do psiquismo (Cossermelli, 1999).

Como mencionado, cada cômodo da casa possui uma função específica, assim como o corpo e apresenta características fundamentais para seu funcionamento. Como por exemplo, paredes, portas e janelas são uma materialização de que existe a necessidade de separar espaços, porém também levando em consideração a cultura e

a época em que vive a família (Eiguer, 2014). Aprofundando mais suas postulações, Eiguer (2014) resgata o conceito da casa como a terceira pele do indivíduo, depois do corpo e da roupa. É considerada como uma metáfora do “habitat interior”, pois é constituída por diversas partes que são agrupadas e organizam o grupo familiar.

Tem a função de continência que permite a diferenciação entre o exterior e o interior, o público e o privado, o comum e o particular, estabelecendo limites a contextos dos distintos que habitamos (Passos, 2019). Para Eiguer (2014), as paredes da casa são como a segunda camada da pele psíquica que irá permitir a privacidade das relações intersubjetivas, além de separar seu interior e exterior por duas camadas. As paredes protegem tanto a privacidade do grupo familiar com o mundo externo, quanto a intimidade das relações familiares. É relevante pontuar igualmente que a privacidade e intimidade são diferentes, enquanto a primeira está relacionada ao social, ao mundo externo, a segunda diz sobre as experiências emocionais individuais e com os membros da família.

Sendo assim, há concepção de uma dupla camada da pele psíquica. A primeira camada serve para a proteção aos estímulos desprazerosos e do meio ambiente, tanto em relação ao mundo exterior quanto ao aparelho psíquico do próprio indivíduo. Já a segunda camada é voltada ao interior do sujeito, com a finalidade de proporcionar introspecção e reflexão acerca das experiências psíquicas do ser (Eiguer, 2014). Portanto, a casa ocupa uma função de pele psíquica, registrando mudanças externas e internas. As portas permitem estabelecer um limite entre exterior e interior, assim como dentro da própria casa, enquanto que a janela é a representação dos nossos olhos, olhando para fora, para o mundo e também serve como um espelho por meio do qual somos refletidos e nos enxergamos (Eiguer, 2014).

Essa metáfora da casa como pele ganha muita força quando a associamos à afirmação de Montagu (1988) sobre o ser humano conseguir viver cego, surdo e completamente desprovido dos sentidos do olfato e do paladar. Entretanto, dificilmente um sujeito sobrevive sem as funções desempenhadas pela pele. Finalizando o mapeamento das funções casa/pele, entendemos que a temporalidade cultural seria absorvida na casa, tal como a pele é responsável pelas inscrições e registros no corpo dos traços sensoriais táteis/a externalidade (Machado & Winograd, 2007).

No contexto da pandemia da COVID-19, muitas alterações foram necessárias, como o isolamento social, o teletrabalho, a vivência do corpo como ameaçador e vulnerável e o excesso de realidade quanto à finitude do corpo. Tudo isso alterou imensamente o funcionamento familiar e, conseqüentemente, a organização da casa. As famílias foram obrigadas a se relacionarem 24 horas por dia e a exercer papéis, antes externos, dentro de casa, como trabalho e estudo. O lazer e o descanso encontraram restrições, o que, de certa forma, ocasionou mudanças físicas e psíquicas (Aquino et al., 2020). As famílias relatavam alta insatisfação para adaptar cômodos para a realização de exercícios físicos, assim como para utilização para expressões artísticas.

As paredes internas se tornaram insuficientes, por vezes, porosas demais, ou se tornando muralhas de isolamento entre familiares doentes e os que não estavam doentes. Essa corporeidade da casa em isolamento com a externalidade, no contexto da pandemia, desencadeou a hiper convivência entre os membros do casal e da família (Kerbaux, Bartilotti, & Sneiderman, 2020). Essa experiência provocou impactos nas relações de diversas ordens, também atravessadas pelo esmaecimento dos limites entre o privado e o público. O fato de estarem todos juntos em um mesmo espaço, com a falta de privacidade e de individualidade, ocasionou irritabilidade entre os membros da família, dificuldade de comunicação e conflitos afetivos. A desorganização de partes da casa foi inevitável, o desejo por conseguir um espaço próprio de descanso da própria família foram conteúdos presentes nos casos clínicos, conforme apontado por Blay-Levisky (2020).

Outro impacto observado na casa das famílias foi a falta de mobília adequada para as demandas da nova rotina, que incluía conforto para o trabalho e estudo durante o período. Villa et al. (2021) afirmaram que 44% das famílias que moravam tanto em casas como em apartamentos se sentiram insatisfeitas com os móveis que tinham nas residências durante a pandemia. Isso mostra justamente a dificuldade e o trabalho psíquico exigido para conseguir adaptar o espaço físico face às drásticas rupturas concernentes ao ambiente e ao momento de vida. Os autores pontuaram sobre a insatisfação das famílias quando a casa se encontrava despreparada para as necessidades “vitais” relacionadas à manutenção do bem-estar. Um dos efeitos disso foram as inúmeras obras nas residências que foram iniciadas durante este período.

Segundo Villa et al. (2021), as insatisfações em relação à moradia, espaço físico e privacidade foram aumentando conforme o tempo em isolamento, o que mostra que a convivência diária foi se tornando cada vez mais difícil.

Diante desse contexto, pensou-se ser pertinente avaliar o uso do espaçograma junto a casais, a fim de compreender e refletir o ambiente familiar durante este momento, focando na reorganização do espaço físico e nas representações inconscientes vinculadas a este movimento. De acordo com Benghozi (2010), o espaçograma é um recurso gráfico que permite a projeção inconsciente do espaço psíquico individual e familiar, podendo ser elaborado de várias formas como: uma planta da casa, um desenho da casa detalhando espaços específicos, cômodos, móveis e distribuição da área. Por meio desse instrumento, é possível ter acesso à vida psíquica familiar projetada na casa em que habitam, assim como sua dinâmica, organização e transmissão psíquica da família.

Sendo assim, o uso do espaçograma é interessante para captar o funcionamento psíquico e acordos do grupo familiar em seu espaço de habitação. Ao levar em conta o período de teletrabalho durante a pandemia, acredita-se que o espaçograma pode ilustrar claramente as múltiplas alterações.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e, como tal, que visou o aprofundamento da compreensão de um fenômeno social originado do grupo estudado, tendo como finalidade explicar os porquês derivados do tema de pesquisa (Silveira & Córdova, 2009). O objetivo desta investigação consistiu em apreender a aplicabilidade do espaçograma em contextos de sofrimento e alteração da organização da casa, assim como verificar os impactos ocasionados pela COVID-19 no grupo familiar.

Participantes

Participaram do estudo três casais, no qual um configura-se como classe alta e os outros dois como classe média, advindos do interior paranaense, que possuíam

ao menos um filho entre sete e doze anos de idade. Como critério de inclusão foi determinado que pelo menos um dos cônjuges deveria ter ficado em teletrabalho por algum período do isolamento, durante a pandemia da COVID-19. O critério para exclusão dos participantes consistiu em casais que apresentassem transtornos mentais diagnosticados e que tal problemática implicasse em consequências demasiadamente singulares para a dinâmica familiar. No que se refere à escolha pela escuta do casal, decorreu-se pelo fato de terem sido realizadas mais pesquisas que entrevistaram as mulheres, não analisando dados de outros membros da família que também contribuíram na reorganização da dinâmica doméstica (Streit et al., 2021). Por isso, pensou-se na originalidade de desenvolver um trabalho com casais.

Procedimentos

Foi realizada a divulgação do estudo por meio das redes sociais e grupos junto aos quais os pesquisadores estavam incluídos. Fez-se contato com os interessados, agendando um encontro, que poderia ocorrer na casa dos participantes ou em locais que os mesmos indicassem como propícios para o encontro, em data e horário previamente estabelecidos. Foram assinadas duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a coleta de dados para publicação e apresentação de trabalhos. Solicitou-se que o casal fizesse um espaçograma de forma conjunta, ou seja, representassem a planta da casa, incluindo móveis e demais detalhes, seguido do apontamento acerca das alterações que ocorreram na casa durante o isolamento social.

Instrumentos

O espaçograma, recurso utilizado para a coleta de dados, nada mais é que uma projeção, por meio de um desenho da planta da casa da família, ilustrando a distribuição de cômodos, móveis e etc. Sendo assim, serve como uma projeção inconsciente do espaço psíquico dividido pela família (Benghozi, 2010).

ANÁLISE DOS DADOS

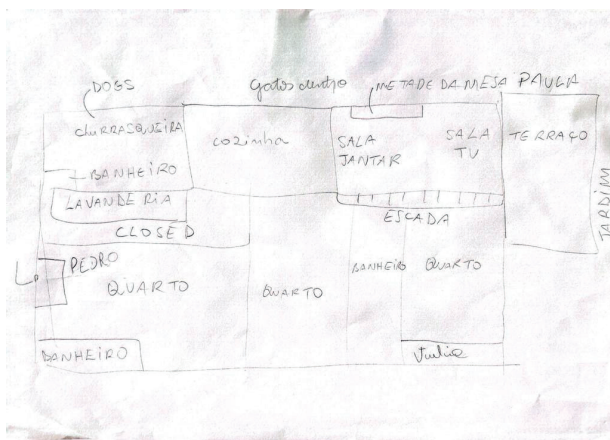
A análise dos dados coletados se deu pela interpretação na perspectiva psicanalítica dos espaçogramas elaborados por cada casal. A escolha da abordagem teórica para a elaboração da análise partiu da consideração da imagem da casa como uma manifestação de conteúdos inconscientes presentes no aparelho psíquico familiar, tecendo considerações advindas da coleta de dados dos casais em geral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi solicitada a elaboração de um espaçograma para os casais participantes da pesquisa. Optou-se por apresentar e discutir dados advindos das imagens e dos apontamentos realizados a partir da aplicação da técnica, seguida de discussão geral do material. Todos os nomes utilizados são fictícios, sem nenhuma relação com os nomes reais dos participantes.

O primeiro espaçograma realizado foi o do casal Paula e Pedro, pais de Júlia. Quando foi solicitada a criação do espaçograma, a esposa tomou a iniciativa de realizar o desenho e verbalizou cada etapa, assumindo uma posição mais dominante e de noção acerca da casa. Em alguns momentos, o marido assumiu o desenho, porém, de forma bem rápida, optando por opinar e auxiliar na confecção.

Figura 1 - Espaçograma casal Paula e Pedro



Pôde-se perceber, tanto pelo espaçograma quanto pelas falas do casal durante a confecção do desenho, que houve mudanças físicas na casa em decorrência do teletrabalho. A sala de jantar da família virou o escritório de Paula, justamente por ter uma mesa maior e o melhor sinal de internet da casa. Já o quarto do casal, tornou-se o escritório do Pedro, longe da sala de jantar, pois ficava boa parte em reuniões enquanto Paula dava aula. Em relação à Júlia, seu local de estudos, assim como o pai, foi seu quarto.

Paula ficou com um espaço maior de trabalho, pois além das aulas, havia reuniões e outras atividades de ensino. Ela pontuou que trabalhava em horários não convencionais, sem uma rotina mais regrada no início. O casal ressalta que mesmo tendo espaços separados para trabalho e estudo, sempre estavam interagindo um com o outro, principalmente Júlia que interrompia as atividades profissionais da mãe para pedir ajuda.

É interessante discorrer sobre a afirmação do casal em estar sempre juntos e interagindo um com o outro mesmo trabalhando em cômodos afastados, visto que no espaçograma não foram desenhadas conexões entre os espaços da casa, ou seja, assemelharam-se a blocos fechados sem interligação entre eles. A contradição da fala e do desenho gera reflexões de que o isolamento pode ter favorecido o afastamento dele em relação a outros grupos, como os cômodos da casa, porém, tentando interagir e manter um contato entre si como forma de amenizar o sofrimento do período pandêmico.

O espaçograma realizado pelo casal representou várias faltas de elementos na criação do desenho que foram solicitados para a composição, como móveis, portas e janelas. Paula fez os cômodos de forma simples, identificou quais eram e sinalizou apenas a sua mesa de trabalho na sala de jantar. Pensou-se que o desenho, acompanhado da narrativa, ilustrava a valorização do trabalho de um dos membros do casal na definição do espaço e a necessidade de um acordo entre os familiares. Além disso, mostrou-se de extrema importância a divisão de cada território para a manutenção das individualidades vividas antes na externalidade da casa.

A confecção do espaçograma predominante por parte da esposa poderia apontar, em um primeiro momento, uma atitude de maior iniciativa em relação ao marido, que apenas auxiliou no desenho em alguns momentos. Indaga-se se esse predomínio advinha da necessidade de Paula em ocupar mais espaço na casa com suas atividades.

Lembra-se, neste sentido, da justificativa sobre a criação do seu “escritório” na sala de jantar. Por outro lado, o espaço de Paula apresentou-se amplamente permeável e mais suscetível às interferências dos membros da casa, como a filha a interrompendo para pedir ajuda. Tal adaptação corrobora com relatos de mulheres que na época indicaram sentir a ausência de “recursos materiais adequados para o trabalho, como computadores e mobiliário” (Lemos, Barbosa, & Monzato, 2020, p. 392).

De forma geral, destaca-se o lugar da esposa na apresentação do espaço familiar, tomando a iniciativa de fazer o desenho, algo que pode apontar para o exercício de determinadas funções no contexto familiar. Lembra-se, neste sentido, das pesquisas que apontaram para a sobrecarga das mulheres durante o isolamento social (Streit et al., 2021), ampliando as funções que habitualmente já desempenhavam junto à família. Outro ponto importante durante a execução do espaçograma foram as repetidas vezes que Pedro interrompeu Paula no desenho para fazer alguns apontamentos, correções ou expor sua visão sobre a casa, o que levanta o questionamento de que exista uma distribuição das funções e posições dentro da casa. Porém, por ser a mais impactada pelo isolamento, talvez Paula tenha assumido a execução do desenho.

No espaçograma, é possível perceber a ausência da inscrição de portas e janelas na casa, tanto internas como externas, representando as fontes de contato, abertura e limites. É descrito que o espaço de trabalho de Paula foi mais invadido do que os demais, principalmente quando convocada como mãe. Segundo Eiguer (2014), as janelas servem como os olhos da família para o seu exterior e permitem a entrada de luz e claridade na casa. Durante a noite, é responsável pela transição de luz, reflexos e temporalidade (Eiguer, 2014).

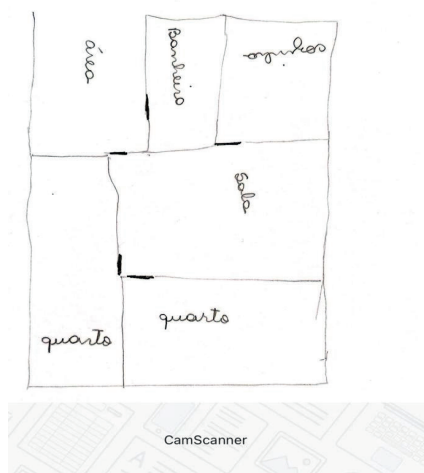
Fipotetiza-se se a falta de representação de portas e janelas poderia ser decorrente de alguma forma uma expressão inconsciente do isolamento dolorosamente vivido na pandemia. Estaria no espaçograma a marcação da ausência de contato com o exterior neste período? Fechou-se o contato com o mundo externo, pela via concreta das passagens da casa. Esta última, de repente, incorporou vários espaços cujas demarcações ficaram tão esmaecidas quanto as paredes do espaçograma deste casal.

O segundo casal refere-se aos cônjuges Amanda e Gustavo, pais de Gabriel e

Juliana. O espaçograma foi feito pela esposa, que realizou todo o desenho de forma simples. O marido não opinou em nada na sua criação e afirmou que percebeu pouca coisa de mudança, haja vista que a casa já era daquele jeito. Além disso, em um dos poucos momentos em que se manifestou durante a execução do desenho, afirma que o filho mudou bastante durante o isolamento, mas que não percebeu. Foi notar essa mudança posteriormente e acredita que isso ocorreu por conta do seu trabalho que implicava em constantes ausências. O silêncio e a não percepção do marido favorecem questionamentos sobre o quanto ele estava inserido no grupo familiar e em sua rotina, visto não ter percebido impactos e mudanças na família, apenas após o isolamento, além de deixar a responsabilidade da casa para a esposa e usar do trabalho como justificativa para seu afastamento.

O casal afirmou, assim, que não ocorreram mudanças físicas na casa em decorrência do teletrabalho visto que mesmo antes de ficarem isolados em casa, a cozinha já servia como mesa de estudo e trabalho tanto para Amanda quanto para o filho Gabriel. Além da cozinha, os quartos também já eram utilizados como um espaço de trabalho e estudo de todos da família, independentemente de quem fosse o quarto. Entendeu-se que como rotina pré-pandemia havia uma porosidade na delimitação de espaços individuais para estudos e trabalho.

Figura 2 - Espaçograma casal Amanda e Gustavo.



Pode-se perceber que a organização da casa durante o isolamento social foi similar ao período anterior, com Amanda trabalhando na sala ou no quarto, Juliana em seu quarto que era dividido com Gabriel e o garoto na mesa da cozinha. Gustavo afirmou que realmente a mudança não ocorreu e a única coisa perceptível foi uma cadeira nova na mesa da cozinha para que Amanda auxiliasse Gabriel em seus estudos. Esta afirmação, juntamente do desenho, traz a noção de que a família não conseguiu perceber alterações, principalmente o marido, na sua dinâmica durante o isolamento justamente por não terem delimitações claras acerca dos seus espaços.

A ausência de delimitações na casa levanta o questionamento sobre como se dá o relacionamento e as interações no grupo familiar. A individualidade é respeitada? Como seus sentimentos e pensamentos são manifestados? Existe alguma delimitação do espaço físico e psíquico no grupo familiar? Todos estes questionamentos propiciam a reflexão acerca de até qual ponto os membros familiares se enxergam como indivíduos além do grupo.

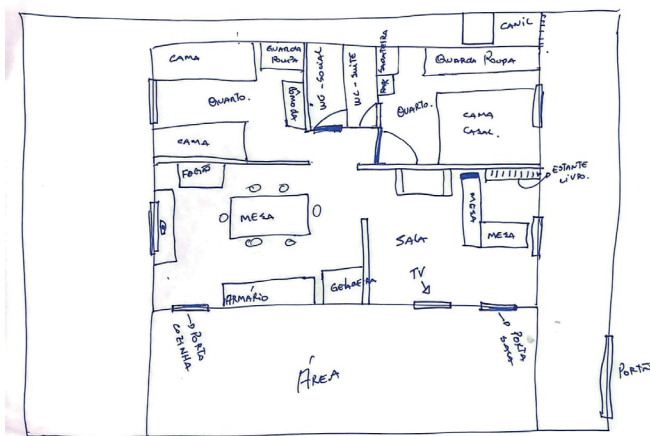
Assim como no espaçograma do casal Paula e Pedro, o desenho realizado por Amanda e Gustavo também não demarcou as janelas e os móveis. Entretanto, as portas pareciam bem mais destacadas do que as paredes, porém, sem sinal de abertura ou maçaneta nas mesmas. A existência das portas, principalmente destacadas, pode significar uma tentativa de proteger a intimidade dos habitantes da casa e impor limites nos espaços de cada um (Eiguer, 2014), especialmente nesta imagem onde se mostra como o único elemento em destaque no desenho.

A existência do destaque nas portas e a clareza no desenho das paredes colabora com o discurso de que não existem delimitações de espaços na casa. Desta forma, mesmo cada membro tendo o seu lugar estabelecido, sempre estão nos espaços do outro, assim como o uso de *notebooks* em qualquer cômodo da casa, ao mesmo tempo em que são usados o celular e a televisão. Com isso, o reforço feito nas portas no espaçograma poderia consistir na projeção do inconsciente de Amanda na busca por espaços mais delimitados, privacidade e intimidade, visto que realizou o desenho completamente sozinha e pontua durante o processo do desenho que todos os membros da família usavam todos os espaços da casa, até o seu quarto.

Como já exposto, o espaçograma é uma projeção do inconsciente do grupo familiar, e no caso do desenho de Amanda e Gustavo, a manifestação psíquica do inconsciente de Amanda poderia representar um desejo de ter o seu espaço, algo que não era verbalizado aos demais familiares pela posição de mãe e de querer seus filhos próximos. Percebeu-se, a partir do espaçograma e das falas durante a elaboração do desenho, que a família vivenciara como confusa a ocupação dos espaços da casa, o que poderia gerar a indagação se esta confusão simbolicamente expressaria o emaranhamento entre os membros, entre os subsistemas, impregnando o espaço psíquico da família.

Diferentemente dos primeiros casais descritos, o espaçograma de João e Sílvia foi realizado inteiramente pelo marido, predominando o silêncio de ambos, com escassos apontamentos da esposa. Devido à área de trabalho do marido, ele parece buscar criar um desenho de caráter técnico a partir da solicitação de delineamento do espaçograma. Sílvia apenas conferiu o desenho quando o marido terminou para ver se estava tudo certo, mas não mudando nada do que havia sido feito ou acrescentando algo, concordando com o que João havia desenhado.

Figura 3: Espaçograma casal João e Sílvia



CS Digitalizado com CamScanner

O casal pontuou que houve mudanças nos móveis da casa, principalmente na sala, para que João pudesse trabalhar de casa. Tal fato deixou o espaço mais apertado

por conta de toda a família estar em casa e, mesmo após o término do isolamento, a mesa de trabalho se manteve na sala e João continuou trabalhando em casa.

Durante o período, trabalhando na sala, João teve que dividir o espaço junto com a esposa e mais três filhos, ainda crianças, que exigiam sua atenção. A casa ficou bastante “bagunçada” no período e com os espaços sendo ocupados por todos, principalmente pelas crianças. A família demandou muito tempo para se adaptarem com todos em casa e principalmente com João trabalhando na sala, lidando com clientes e necessitando de silêncio. Curiosamente, na elaboração do espaçograma o casal demonstrou o que foi fragilizado durante a pandemia: a necessidade de silêncio no período de isolamento foi “atendida” durante a elaboração do espaçograma; as alterações da casa não foram indicadas na estruturação do desenho; a falta de controle do João foi “compensada” pelo total controle do espaçograma. Focando mais na organização gráfica do espaçograma feito por João, encontra-se ilustrada uma boa divisão dos cômodos da casa, assim como a presença de paredes, portas e janelas sinalizadas, o que pode sinalizar uma projeção da tentativa de manter uma boa organização familiar no sentido de preservarem seus espaços, privacidade e intimidade, algo que também apareceu no discurso do casal acerca de tentarem dividir o mesmo espaço.

O espaçograma feito por João apresenta uma boa divisão dos cômodos da casa, assim como a presença de paredes, portas e janelas claramente sinalizadas, o que pode evidenciar uma boa organização familiar no sentido de preservarem seus espaços, privacidade e intimidade. Entretanto, percebe-se, assim como no casal Pedro e Paula, o uso por um dos cônjuges do espaço coletivo da família para a atuação profissional durante o teletrabalho, que fica perceptível tanto pela fala do casal, quanto no desenho em que a mesa de trabalho do João ocupava metade da sala de estar, onde a família se reunia.

Ao se contemplar os três espaçogramas advindos deste estudo, entende-se que desenhar a planta da casa, representar o espaço habitado, não se configura como uma atividade habitual. Com isso, pode suscitar resistências, manifestadas pela escassez de informações ao não representarem os móveis e demais detalhes. Tem-se, assim, um limite quanto à “entrada” de estranhos nesse cenário, lembrando da própria ideia do isolamento social proposto ao longo da pandemia da COVID-19. Em tal momento histórico, observou-se que escolhas individuais poderiam reverberar em consequências

para os demais familiares, quando uma das pessoas rompia a dinâmica de cuidados e trazia o adoecimento para os demais, favorecendo questionamentos diversos.

Acredita-se que a pandemia e o isolamento se configurou como um momento de grandes conflitos e impasses. Neste sentido, a despeito dos casais aceitarem o convite para participação na pesquisa, pode-se pensar em uma ambivalência acerca do quanto é possível “deixar entrar” e conhecer esse interior familiar. Por outro lado, no que diz respeito à aplicação do espaçograma, pensa-se que ele se apresentou como um recurso diferenciado, ainda pouco utilizado, e que pode agregar informações novas, diferentes daquelas expostas por meio da linguagem verbal, podendo ser usado tanto em pesquisas junto a casais e famílias, quanto no *setting* terapêutico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que esta investigação contribuiu para avaliação do espaçograma como um recurso para coleta de dados junto a casais e famílias, especialmente em momentos atípicos e de sofrimento familiar. Benghozi (2010) discute justamente o uso dele como recurso de “mediação para a figurabilidade do irrepresentável” (p. 202), notando-se que ele é capaz de evidenciar conteúdos que ilustram as dificuldades enfrentadas pelo grupo familiar. Na presente pesquisa, o espaçograma foi utilizado para saber sobre como as famílias organizaram o espaço familiar face ao isolamento social e período de teletrabalho advindo da pandemia da COVID-19. O isolamento demandou uma reorganização do espaço familiar, o que ocasionou em mudanças nos móveis e adaptações dos espaços para acolher as demandas dos membros da família.

Pode-se perceber que a utilização do espaçograma foi precisa ao coletar as informações acerca do isolamento da família e a organização de sua casa, pois foi possível averiguar que houveram alterações dos cômodos, móveis e rotina. Além do espaçograma, as falas e comportamentos durante sua execução também foram importantes na coleta de dados, já que afirmaram que as famílias tentaram ao máximo seguir o isolamento em suas casas, se fechando do mundo exterior e tentando se proteger. Entretanto, fica claro também que dividir o mesmo espaço acabou dificultando ou impossibilitando a individualidade e privacidade dos membros da família.

Aponta-se como limites do estudo o fato dos casais entrevistados estarem situados em apenas um Estado, não representando a realidade do vasto território brasileiro. Além disso, os participantes advêm de famílias de classe média, sendo pertinente a composição de amostras mais amplas e diversificadas, refletindo sobre como outros estratos sociais acabaram por se organizar no período em questão. Outro ponto que limita o estudo é o número de participantes que realizaram o espaçograma, o que torna difícil afirmar que toda a sua utilização em períodos atípicos, principalmente da pandemia, será passível de coleta e análise de dados, sendo necessário uma amostragem maior.

REFERÊNCIAS

AQUINO, E. M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 2423–2446, 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>

BENGHOZI, P. **Malhagem, filiação e afiliação - Psicanálise dos vínculos**: Casal, família, grupo, instituição e campo social. São Paulo: Vetor, 2010.

BERENSTEIN, I. **Família e doença mental**. São Paulo: Escuta, 1988.

BLAY-LEVISKY, R. Reflexões sobre impactos da pandemia do coronavírus nas relações afetivas e no atendimento psicoterápico de casais e famílias à distância. *Passages de Paris*, n. 19, p. 76-85, 2020. Recuperado de <https://www.apebfr.org/ojs/index.php/passadesdeparis/article/view/16>.

COSSERMELLI, A. P. A casa como símbolo do self. *Pós FAUUSP*, n. 7, p. 6-15, 1999. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i7p6-15>

EIGUER, A. As duas peles da casa. In: LEVISKY, R. B.; GOMES, I. C.; FERNANDES, M. I. A. (Orgs.). **Diálogos psicanalíticos sobre família e casal**: As vicissitudes da família atual. São Paulo: Zagodoni, 2014. p. 19-32

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

KERBAUY, R.; BARTILOTTI, M. B.; SNEIDERMAN, S. Reflexões sobre o impacto da pandemia de

COVID-19 nas relações conjugais e familiares: contribuições da Psicoterapia Psicanalítica. **Passages de Paris**, n. 19, p. 86-94, 2020. Recuperado de <https://www.apebfr.org/ojs/index.php/passadesdeparis/article/view/17>.

LEMOS, A. H. D. C.; BARBOSA, A. D. O.; MONZATO, P. P. Mulheres em *home office* durante a pandemia da COVID-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, n. 6, p. 388-399, 2020. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200603>

MACHADO, R. N.; WINOGRAD, M. A importância das experiências táteis na organização psíquica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 3, p. 462-476, 2007. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10874>

MONTAGU, A. **Tocar: O significado humano da Pele**. São Paulo: Summus, 1988. ed.7ª.

PASSOS, M. C. Habitar e pertencer: reflexões sobre a família como espaço transicional. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e Casal – Filiação, intergeracionalidade e violência**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2019. p. 309-321.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Unidade 2 - Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

STREIT, A. C. S. S.; MORAES, A. C. P. S.; ROCHA, C. M. T.; GONZATTI, L. D.; PAESE, R. F., ...; BOECKEL, M. G. Pandemia da Covid-19: perspectiva feminina sobre o isolamento social. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 13, n. 2, p. 197-210, 2021. <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v13i2.1561>

VILLA, S. B.; CARNEIRO, G. P.; MORAES, R. A.; CARVALHO, N. L. M. (2021). Reflexões sobre os impactos da pandemia de COVID-19 no espaço doméstico. **Gestão & Tecnologia de Projetos**, v. 16, n. 4, p. 67-83, 2021. <https://doi.org/10.11606/gtp.v16i4.176851>